

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A Escola e a Cidade

Sonia Regina Martim*

Resumo: Este trabalho aborda as relações entre a Escola Secundária e a luta pela autonomia polico-administrativa da cidade de Osasco.

Palavras-chave: Osasco, escola, movimentos sociais.

Abstract: Ce travail aborde las relations entre la École Secondaire et la lutte pour la autonomie politique-administratif de la ville de Osasco.

Keyword: Osasco, école, mouvements sociales.

Este trabalho visa resgatar alguns aspectos da história da educação secundária em Osasco, principalmente aqueles em que a escola e seus sujeitos envolveram-se nas ações dos Movimentos Sociais ocorridos, procurando avaliar as implicações advindas dessa combinação.

O jornalista osasquense Antonio Roberto Espinosa, que foi militante das organizações Vanguarda Popular Revolucionária - VPR -, da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares - VAR-Palmares - e preso político durante quatro anos (1969-1973), em seu livro *“Abraços que sufocam”* (2000:38) usa a seguinte frase para citar um companheiro: *“... meu colega de Ceneart, de Cobrasma, de Gcan 90 e de entusiasmos José Campos Barreto”*.

Zéquinha Barreto (como era conhecido), militante da VPR, foi morto ao lado do Capitão Lamarca em 1971 e foi colega de Espinosa nos três importantes espaços de convivência dos jovens de Osasco nos anos 60:

- A primeira escola secundária pública instalada na localidade, normalmente citada como CENEART, mas que anteriormente se chamou GEO (Ginásio Estadual de Osasco), GEART (Ginásio Estadual Antonio Raposo Tavares), CEART (Colégio Estadual Antonio Raposo Tavares) e só recebeu oficialmente esse nome em 1965, quando ali começou a funcionar o Curso Normal;

* Doutora em História da Educação pelo Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora do UNIFAI – Centro Universitário Assunção, em São Paulo e da FIZO – Faculdade Integração Zona Oeste, em Osasco.

- A Cobrasma, importante indústria metalúrgica da região onde um grande número de jovens operários/estudantes trabalhavam e que foi palco de uma greve de repercussão nacional em 1968, onde Zequinha foi um dos líderes, e
- O Gcan 90 (Grupo de Canhões Antiaéreos de 90 milímetros), no bairro de Quitaúna, que também abrigava a 2º CLM (Companhia Leve de Manutenção), 4º RI (Regimento de Infantaria), 17º Batalhão de Caçadores da Força Pública, o Arsenal de Guerra e o GCAN 40, quartéis onde muitos jovens da região prestaram o serviço militar obrigatório.

Esse relato aponta e justifica a idéia de que o Colégio representava um lugar onde também ocorriam os colóquios políticos oriundos à época, entre os amigos/estudantes/militantes, ou aquilo que José Álvaro Moisés (1978: 382), ao analisar o envolvimento da classe média osasquense nas ações sociais “*com o operariado local e demais grupos*”, argumenta que esta se dava “*pelo cotidiano de sua existência*”. Acreditamos que esse “*cotidiano*” apontado por Moisés acontecia, em grande parte, nas relações escolares, principalmente, secundaristas.

Para tanto, destaco o Movimento Autonomista que lutou pela independência política do, então, bairro de Osasco, ocorrido na década de 1950 resultando para Osasco a condição de município, em 1962. Em alguns momentos, esse movimento aparece engajado com o Movimento Operário fortemente articulado nos anos 60; e com o Movimento Estudantil que apresentava destacada participação secundarista.

Essa premissa foi reforçada pelo depoimento de Gabriel Roberto Figueiredo, líder estudantil em Osasco nos anos 60, ao afirmar que o movimento estudantil em Osasco, no início dos anos 60, era essencialmente secundarista e relatou que:

‘O movimento estudantil secundarista, no meu tempo (1963/4), em Osasco, foi decisivo. Estudantes universitários praticamente não compunham o quadro de correlação de forças políticas. Foi, sob minha direção, que a UEO historicamente adquiriu identidade secundarista. Sua direção não foi escolhida nos bastidores elitistas, mas legitimada numa eleição extraordinária que envolveu todas as escolas existentes no recém criado município. E como não tínhamos escolas superiores na cidade, os poucos universitários foram convocados ao voto democrático, numa urna exclusivamente dedicada a eles. E os melhores, dentre os universitários, despojaram-se da arrogância e acabaram aderindo à nossa liderança. Entre eles destaco Clovis Gloeden, Antonio Carlos Masotti e, principalmente, Sérgio Zanardi. Os dois primeiros estudantes de economia e o último de Direito.’

Meu primeiro contato com essa escola e seus sujeitos, ocorreu através da leitura e análise do Processo nº 62941, de 11 de julho de 1951, data início da verificação para instalação do “Ginásio Estadual de Osasco” e, foi nas páginas desse documento que comecei a conhecer os avanços e recuos caracterizados claramente nos procedimentos de instalação, não só do Ginásio, mas também do Colégio em Osasco, culminante com a construção de um prédio próprio para, o então, CENEART – Colégio Escola Normal Estadual Antonio Raposo Tavares, em 1963.

Esse processo me possibilitou (re)construir grande parte do período de formação e consolidação do ensino secundário em Osasco e sob a ótica de que, suspeita-se, que os documentos escolares não reproduzam literalmente e fielmente a realidade da escola, tive a presunção de, a partir desses mesmos textos, fazer uma releitura, investigando aquilo que se oculta por detrás das aparências da realidade dada.

Segundo Sposito (1992:45), é somente a partir de 1945 que inicia o processo de expansão dos Ginásios Estaduais na cidade de São Paulo. Contavam até 1933, apenas três Ginásios Públicos no Estado de São Paulo: na Capital, em Campinas e em Ribeirão Preto. A partir de 1945, sete novos Ginásios foram criados e, em 1950, perfazia o total de doze Ginásios Estaduais em todo o Estado.

O Ginásio Estadual de Osasco instituiu-se pela Lei Estadual nº 607, de 1950, com o efetivo funcionamento somente em 1952, quando oficialmente existiam 23 Ginásios criados no Estado de São Paulo. Dessa informação, inferimos que a instalação de um Ginásio em Osasco, fazia parte de um processo de expansão do ensino secundário por parte dos governantes.

Em 1958, ano em que começou a funcionar um segundo Ginásio na região do, então, bairro de Osasco, o Ginásio Estadual de Presidente Altino – GEPA, o Estado de São Paulo já registrava 91 Ginásios criados pelo governo estadual, conforme dados obtidos em Sposito (1992:47).

Essa política de difusão dos Ginásios no Estado de São Paulo, se atrela à prática populista instalada pelos governantes do período.

Nesse estudo procuro perceber os Movimentos Sociais como toda ação coletiva de caráter contestador, no âmbito das relações sociais, objetivando a transformação ou a preservação da ordem estabelecida na sociedade, e que segundo Melucci (2001:29) deve ser visto com cuidado, pois:

“Quando se fala de um movimento social, refere-se, geralmente, a um fenômeno coletivo que se apresenta com uma certa unidade externa, mas que, no seu interior, contem significados, formas de ação, modos de organização muito diferenciados e que, freqüentemente, investe uma parte importante das suas energias para manter unidas as diferenças.”

A sete de dezembro de 1957, transcorridos quase quatro anos da vitória do “Não” no plebiscito de 1953, reiniciaram-se os trabalhos da “Comissão Promovedora da Autonomia de Osasco”, pois conforme a lei 2081, de 27/12/1952, essa forma de consulta pública somente poderia ocorrer a cada cinco anos, para que o mandato dos novos prefeitos das cidades emancipadas coincidissem com o mandato dos demais prefeitos eleitos.

Nesta reunião lembraram-se as *“diferentes falhas involuntárias que a experiência”* do plebiscito anterior mostrou e determinou-se que, como ocorrera quatro anos antes, a Sociedade Amigos do Distrito de Osasco – SADO – se encarregaria de organizar e encaminhar à Assembléia Legislativa a documentação necessária para que um novo plebiscito ocorresse em 1958.

Essa primeira ata foi assinada por 85 signatários, demonstrando que, diferentemente do sucedido em 1953, havia um grupo mais organizado à frente dos trabalhos preparando a luta pela autonomia osasquense, cabendo ressaltar que havia componentes específicos da década de 1950 fortalecendo a idéia de manter na localidade os impostos recolhidos pelas empresas e pelos moradores locais, já que nessa década novas e importantes empresas chegara ao bairro, além da instalação da Cidade de Deus, sede do Banco Brasileiro de Desconto – Bradesco, em 1953. Afora essas mudanças estruturais, nesse período presenciamos novas formas de inserção urbana da classe operária e novas práticas políticas específicas do período populista, mas é inegável afirmar que, sobretudo, foram os setores médios locais que se interessaram pela autonomia municipal e a *“sua capacidade de envolver os setores assalariados e operários foi muito variável ao longo do tempo”* (Rizek. 1988:22).

A SADO, liderada pelo dentista Reinaldo de Oliveira, *“vinculado à antiga UDN”* (Moisés. 1978:303), fomentava a idéia de que os moradores do bairro deveriam se organizar para defender seus interesses como cidadãos, já que, seus impostos, ajudavam a construir *“a fortaleza”*, isto é, a Prefeitura de São Paulo e que, segundo Rizek (ibidem p. 23) configurava a idéia marcante de *“oposição: centro versus periferia”*.

Nesta nova campanha, de 1958, verificamos que muitas das lideranças autonomistas se mantêm, como: Reinaldo de Oliveira – dentista, Antonio Menck – negociante, Nelson Soares

de Freitas – jornalista, Walter Negrelli – engenheiro, mas “*novos elementos se integram ao movimento, entre eles, Albertino de Souza Oliva*” – advogado trabalhista e um dos fundadores da Frente Nacional do Trabalho, vários comerciantes, alguns altos postos de direção de empresas e alguns trabalhadores.

Vale destacar que segundo a visão de Gabriel Figueiredo, seria um “*reducionismo vulgar colocá-los [os trabalhadores], todos, num mesmo saco e considerá-los massa de manobra da burguesia*. Esse aluno do CEART, militante do PCB, do movimento estudantil e operário, argumenta que, apesar do PCB não ter “*empunhado com ardor a bandeira dos emancipacionistas*”, o partido, em momento algum, impediu que seus militantes participassem desse “*movimento da sociedade civil, liderado por conhecidas figuras da burguesia*”, mas que contava com a participação de sindicalistas, metalúrgicos, ferroviários, comerciários e bancários.

Ao mesmo tempo em que o “SIM” retoma sua luta, o grupo defensor do “NÃO” também se organiza. À frente deste grupo encontramos o sr. Lacides Prado, ligado ao grupo de Adhemar de Barros, dono do único Cartório existente na localidade e que, segundo Werner e Port, o fazia muito mais por temer a concorrência nos negócios, que poderia acontecer com a instalação do município, do que por convicções políticas.

Um dos fortes argumentos utilizados pelo grupo do “NÃO” era o fato de que o “Matadouro de Carapicuíba” pertencente à Prefeitura de São Paulo e que ficava na divisa de Osasco com Carapicuíba, demitiria todos seus funcionários, já que, por lei, estes não poderiam residir fora do município de São Paulo, além do fim dos serviços da CMTC e a desvalorização imobiliária.

Segundo Moisés (1978:322):

“Os opositores da autonomia trabalha[va]m o velho argumento segundo o qual com o desmembramento, Osasco deixaria de fazer parte da região administrativa da Capital de São Paulo para fins da determinação dos níveis de aumento do salário mínimo. Naturalmente, este era um argumento de peso para uma comunidade formada de população majoritariamente trabalhadora, especialmente se se tiver em conta o fato de que parte substancial da classe operária de Osasco era composta de trabalhadores não-qualificados que estavam situados nas faixas inferiores de renda.”.

Além dos argumentos levantados, não podemos nos esquecer que o movimento pelo “NÃO” ainda contava a vantagem de ter ao seu lado o aparato administrativo da Prefeitura de São Paulo e

“Na véspera do plebiscito, tentando influir diretamente nos resultados da votação a ser realizada dois dias mais tarde, a prefeitura de São Paulo divulga uma nota ameaçadora do prefeito Adhemar de Barros, enumerando os problemas que surgiriam caso a população de Osasco e dos outros distritos decidissem pelo SIM:

- 1. Os servidores da Prefeitura de São Paulo por lei não podem ter domicílio fora da área administrativa da Capital, sob pena de perda de cargo. Desta forma, 5 mil pessoas que servem na área do matadouro de Carapicuíba estão ameaçadas de ficarem desempregadas, e entre elas há grande número que são moradores de Osasco;*
- 2. Com a separação, cessará o serviço de ônibus da CMTC na linha capital-Osasco, já que por força de lei municipal, essa companhia não pode atingir áreas situadas fora do município de São Paulo;*
- 3. Os impostos sofrerão majoração, pois com a nomeação em massa de novos servidores públicos para o futuro município, os encargos de instalação de novos prédios e instalações onde funcionaria a prefeitura exigirá arrecadar mais recursos, suficientes para todas essas medidas;*
- 4. Ocorreria uma desvalorização geral dos imóveis no futuro município, que passaria a ser considerado interior;*
- 5. Cairiam os níveis do salário mínimo, pois Osasco seria incluída entre as cidades do interior do estado “. (ibidem p.325/326)*

A campanha pelo “SIM” teve grande penetração nos meios estudantis e efetivamente esteve presente nas discussões que ocorriam no interior da escola, conforme João Gilberto Port que, como presidente do Grêmio Estudantil, afirma: *“Eu me lembro perfeitamente quando me convidaram e eu, de pronto, me propus a movimentar a classe estudantil em torno do Movimento Autonomista e passamos, então, a participar das reuniões e o grupo foi crescendo...”, acrescentando que “a participação da juventude estudantil na vitória da emancipação foi muito significativa. E nós tivemos o condão de termos atrás de nós como conselheiros [os professores] Emir Macedo, Helena Pignatari, que realmente deram aquele embalo pra juventude...”*.

Esse relato nos confirma que, além dos estudantes, a campanha do “SIM” contava com a militância dos professores da escola, como o Professor Emir Macedo (de Português), Helena

Pignatari (de História), além de Fortunato Antiório (de Matemática), pois a professora Pignatari disse fazer campanha “*na escola, na rua, em casa, com a empregada, com o jardineiro, com todo mundo, pra explicar o que seria [a autonomia]*” e dizia aos alunos:

“Olha, minha gente, a luta pela emancipação significa isso, aquilo e aquele outro e um dos argumentos que eu defendi o tempo todo era o fato de que muita gente de Osasco saia pra trabalhar em São Paulo. Então essa viagem diária, ida e volta, tal e coisa. Eu dizia: ‘se nós formos independentes, os empregos vão aparecer aqui no município. Aqui surgirão os empregos, realmente, certo? ... vai ter Câmara – essa Câmara não vai precisar de gente pra datilografar, tal ... A parte administrativa. Você não vai ter o Secretário de Saúde? Os médicos, os enfermeiros da cidade, vão pra onde? Vão pra cá. Então explicando que cada uma dessas secretarias iria absorver mão-de-obra de Osasco e nós teríamos então empregos dentro da cidade. Esse era um argumento fortíssimo.”

A escola secundária era muito dinâmica, o CEART costuma abrir “*suas portas para atividades culturais e recreativas. Era comum também a formação de grupos de estudos de fins de semana, sobretudo para os alunos do noturno que precisavam colocar as matérias em dia, pois não tinham tempo durante a semana*” (Gabriel Figueiredo).

Segundo Eduardo Rodrigues, os professores do CEART influenciaram a sua geração e assim foram descritos por Figueiredo quando perguntado sobre o papel destes na sua formação: “*Dentre vários, vou citar três pela influência maior: Josué Augusto da Silva Leite (História); Helena Pignatari Werner (História) e Emir Macedo Nogueira (Português), cujo relacionamento com os alunos foi descrito como “cordial, solidário, de camaradagem”*”.

Reforçando essa conscientização empreendida na escola, transcrevemos depoimento da professora Helena Pignatari:

“Porque o aluno que vai votar... Uma das coisas, sérias, que eles aprenderam dentro do Ceart era o voto. Isso não era na cadeira de História, todas as cadeiras explicavam que, especialmente quando chegava perto de eleição, conscientizar que o voto era uma coisa muito séria. Não se falava em arma ainda, né? Que o voto era uma arma. Mas que era muito sério, que tinha que pensar, que tinha que conhecer o candidato que tal e coisa. Então eu acredito que muito aluno votou com muita consciência no “sim””.

Às vésperas do plebiscito, os dirigentes do movimento emancipacionista se desdobram na ofensiva de obter a maioria dos votos na consulta popular, valendo frisar que como o voto não era obrigatório, cada adesão ganha maiores proporções, fazendo veicular pela imprensa, rádio e pelo serviço de autofalante que ficava no Largo da Estação, as razões pelas quais todos

os cidadãos do subdistrito deveriam comparecer e votar “SIM” na consulta popular, além dos cartazes e faixas que foram espalhados pelas principais ruas de Osasco.

Finalmente, a vinte e um de dezembro de 1958 ocorre o segundo plebiscito, quando o “SIM” sagrou-se vitorioso.

Esse plebiscito reconhecidamente fraudado inclusive pelos adeptos do “SIM”, conforme demonstrado por Pignatari, que ao relatar sobre o dia da votação nas dependências do colégio, diz:

“Então, havia a sala e essa sala era cheia de janelas. Todas salas eram bem iluminadas e nós pusemos a urna ali. E os votos? Do ‘sim’ o papel era branco escrito sim em preto e o papel do ‘não’ era preto escrito em branco. Os envelopes eram os mais vagabundos que você possa imaginar, baratinhos, baratinhos. Então quando a pessoa punha o voto, quem estava como fiscal da porta, contra a luz, via-se se o voto era branco ou preto e aí íamos contando. As urnas que receberam muitos votos do ‘não’ foram socorridas.

Por exemplo, na última hora, hora e meia antes de terminar, deu um temporal naquela cidade que foi uma coisa bárbara, foi um horror, sumiu todo mundo. Não apareceu mais ninguém para votar e aquele temporal danado lá fora. Nesse momento, nós pegamos a lista dos ausentes, assinamos e colocamos tudo “sim”. Alguns com a conivência do presidente da banca. A minha sala, por exemplo, foi sem a conivência do presidente da banca, que não quis. Que era a Nair Bellacosa – não deixou... [mas] uma hora ela teve que ir ao banheiro e nesse momento, então, nós fizemos uma festa na urna. Muito voto “sim”, tudo com a assinatura, entende? Nenhum defunto não, só os que estavam na lista”.

Jornais de São Paulo chegaram a dizer que “até os mortos votaram em Osasco”, pois eleitores falecidos, cujos nomes ainda constavam das listas, receberam assinaturas e tiveram seus votos válidos. (Oliveira. 1992: 96)

Apesar de fraudado, esse plebiscito contou com 6.677 eleitores, conforme Moisés (1978:289), sendo:

Mas que, segundo Ricardo Dias (1995:54), merece ser questionado, uma vez que representou “*menos de 30% dos 21 mil eleitores do bairro naquele momento*” .

Esse trabalho não se esgota somente com dados obtidos no momento do Plebiscito realizado em 1958, mas apresenta os dados que serviram de base para a luta Autonomista que transcorreu entre 1958 e 1962, ano em que finalmente Osasco foi declarado município autônomo.

BIBLIOGRAFIA:

DIAS, Ricardo A . 1995. *Museologia em Osasco..* Monografia do Curso de Especialização e aperfeiçoamento em museologia da FESP/SP – IMSP.

ESPINOSA, Antonio Roberto.2000 *Abraços que sufocam.* São Paulo: Viramundo

FIGUEIREDO, Gabriel R. 7/9/2005. *Estudantes de Osasco.* Comunicação por escrito

MELUCCI. Alberto. 2001. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas.* Petrópolis: Vozes.

MOISÉS, José Álvaro. 1978. *Classes populares e protesto urbano.* Tese de doutorado apresentada à FFLCH da Universidade de São Paulo (USP).

OLIVEIRA, Neide C. & NEGRELLI, Ana L. M. R. 1992. *Osasco e sua História.* São Paulo: CG Editora.

RIZEK, Cibele Saliba. 1988. *Osasco: 1968. A experiência de um movimento.* Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC/SP.

SPOSITO, Marília Pontes. 1992. *O povo vai à escola – a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo.* São Paulo. Edições Loyola.